

# **A narrativa historiográfica de Edigar de Alencar**

Beatriz P. Mizuno (\*)

## **Resumo**

O objeto desta pesquisa é a obra sobre música popular brasileira do escritor Edigar de Alencar, em especial aquela publicada em livros. Por meio da análise destas obras pretendemos delinear o discurso construído pelo autor sobre a música brasileira popular e urbana e reinterpretar o papel que este autor teve na formação da memória e da história deste segmento da cultura nacional.

Apesar de preliminares, nossa pesquisa já apresenta alguns resultados. Numa primeira interpretação das fontes primárias, elas se apresentam como representativas da vontade do autor de organizar e fornecer fontes para estudos posteriores sobre música, festas, cultura e o cotidiano carioca no século XX. A próxima etapa da pesquisa, com a leitura de obras teóricas sobre História, música e biografismo devem nos permitir aprofundar estas interpretações.

---

(\*) Essa síntese é produto de pesquisa realizada entre 2009-2010 que contou com apoio de bolsa de Iniciação científica PRP-USP.

## 1. Vida

Edigar de Alencar nasceu a cinco ou seis de novembro de 1901, em Fortaleza, no Ceará, filho de João de Alencar Araripe, um guarda-livros e Antonia “Neném” de Farias Ramos, professora. O sobrinho do modinheiro Ramos Cotoco passou sua infância na sua cidade natal, onde foi apresentado às primeiras letras pela mãe, estudou na escola que ela dirigia e depois formou-se como contador na Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, associação dos comerciários de Fortaleza.

Já na sua juventude demonstrou interesse pelas letras e participou de revistas, tendo sido supostamente precoce a ponto de publicar um conto na *Revista Fênix* em 1912<sup>1</sup>; e organizou *A Fanfarra*, publicação de apenas sete números. É possível que seu pai tenha sido ele próprio um homem de letras, uma vez que consta no *Catálogo de jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará*<sup>2</sup> um jornal *Brasil*, de 1903, dirigido por João de Alencar Araripe.

Foi para o Rio de Janeiro em 1926, onde permaneceu até a sua morte em abril de 1993. Ao chegar à cidade envolveu-se com o comércio e após 1934 tornou-se oficial administrativo do IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários). Não perdeu, porém, o contato com a cena literária cearense e teve textos publicados nos suplementos do jornal *O Povo* dedicados à divulgação do modernismo daquele estado: *Maracajá* (1928) e *Cipó de Fogo* (1931)<sup>3</sup>.

Em 1932 publicou seu primeiro livro, *Carnaúba*<sup>4</sup>, uma coletânea de poesias de temática lírica e cearense. Dez anos mais tarde lançou *Mocororó*<sup>5</sup>, livro de poesias cômicas. A presença de ambos na biblioteca pessoal de Mário de Andrade com dedicatórias escritas pelo próprio punho do autor é indicativa de um relacionamento entre os dois estudiosos da música brasileira.

---

<sup>1</sup> Segundo informa, de passagem, Nilto Maciel em seu *Panorama do Conto Cearense*. <http://www.vastoabismo.xpg.com.br/8.html>

<sup>2</sup> *Catálogo de jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará – Extraído da Revista do Instituto do Ceará*. Barão de Studart. Tipografia Minerva de Assis Bezerra: Fortaleza, 1904. p.12

<sup>3</sup> De acordo com Sânzio de Azevedo, citado por Dellano Rios. “O futuro é contagioso”. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2 de abril, 2009. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?Codigo=627220>

<sup>4</sup> Edigar de Alencar. *Carnaúba*. Rio de Janeiro: Of. Graf. Almanach Laemmert, 1932.

<sup>5</sup> Idem. *Mocororó*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

De 1957 são duas de suas obras, o livro de poesias *Galé Fugido*<sup>6</sup> e o perfil literário do político paranaense e seu amigo Leôncio Correia, *O Suave e Ameno Historiador*<sup>7</sup>. Mas é em 1965 que se inicia sua produção publicada em livro, sobre a música popular brasileira, com a sua mais extensa obra – *O Carnaval Carioca Através da Música*<sup>8</sup>. Em 1967 é a vez de *A Modinha Cearense*<sup>9</sup> vir a público, seguida em 1968 pela biografia do sambista J. B. Silva, *Nosso Sinhô do Samba*<sup>10</sup>.

Nos anos 1970 publica três obras: *Flamengo: Força e Alegria do Povo*<sup>11</sup> (1970) ensaio e homenagem ao seu time de futebol, *Poesia Quase Perdida*<sup>12</sup> (1973), mais uma de suas antologias poéticas e *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*<sup>13</sup> (1979), biografia do autor de “Carinhoso”, falecido seis anos antes.

No ano seguinte lança uma coletânea de crônicas sobre sua cidade natal, *Fortaleza de Ontem e Anteontem*<sup>14</sup>, a que se segue em 1982, pela biografia de Pixinguinha em forma de cordel – *Vida e Morte Gloriosa do Grande Músico Negro Pixinguinha*<sup>15</sup> – e por uma nova coleção de textos, desta vez sobre sua cidade adotiva: *Este Rio Querido*<sup>16</sup>.

Suas duas últimas obras são de 1984: *Variações em Tom Menor*<sup>17</sup>, em que Edigar faz a crítica de autores seus conterrâneos; e *Claridade e Sombra na Música do Povo*<sup>18</sup>, última de suas compilações de textos publicados em jornais, que reúne crônicas e ensaios sobre grandes nomes da música popular brasileira entre compositores, letristas, colecionadores e divulgadores.

Além das 15 obras publicadas em livro, Edigar teve uma extensa carreira como cronista e crítico em jornais do Rio de Janeiro (*O Dia* e *A Notícia*) e contribuiu regularmente com o jornal fortalezense *O Povo*. Tinha n’*O Dia* uma coluna diária de crítica de rádio e uma coluna dominical intitulada “Rodapé”, em que se ocupava de comentar episódios do cotidiano carioca, literatura, música e cultura popular. Foi

---

<sup>6</sup> Idem. *Galé Fugido*. Informações sobre a edição não encontradas.

<sup>7</sup> Idem. *O Suave e Ameno Historiador*. Curitiba: Edição Prata de Casa, 1957

<sup>8</sup> Idem. *O Carnaval Carioca Através da Música*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1965.

<sup>9</sup> Idem. *A Modinha Cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.

<sup>10</sup> Idem. *Nosso Sinhô do Samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

<sup>11</sup> Idem. *Flamengo: Força e Alegria do Povo*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1970.

<sup>12</sup> Idem. *Poesia Quase Perdida*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.

<sup>13</sup> Idem. *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/ INL/MEC, 1979.

<sup>14</sup> Idem. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará/ Prefeitura do Município de Fortaleza, 1980.

<sup>15</sup> Idem. *Vida e Morte do Grande Músico Negro Pixinguinha*. Juazeiro do Norte: Mascote, 1982.

<sup>16</sup> Idem. *Este Rio Querido*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/ INL/MEC, 1982.

<sup>17</sup> Idem. *Variações em Tom Menor*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1984.

<sup>18</sup> Idem. *Claridade e Sombra na Música do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/INL, 1984.

presidente do Ciclo Independente dos Críticos Teatrais e membro do Conselho de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Assinou por onze anos a seção “As Garotas” da revista *O Cruzeiro* com o pseudônimo de A. Ladino.

Edigar foi também co-autor de uma revista escrita a muitas mãos encenada no Teatro Recreio em 1931, *Feira de Amostras*, compilada por Marques Porto, e letrista de uma canção de bastante sucesso no carnaval cearense de 1924, de melodia de Silva Novo, intitulada “Maracujá no pé”<sup>19</sup>.

Publicou um ensaio na Revista Brasileira de Folclore<sup>20</sup> em 1970 e duas micro-monografias<sup>21</sup> da coleção Folclore do Núcleo de Estudo Folclóricos, da Fundação Joaquim Nabuco.

## 1. Obra

Pode-se perceber que a obra de Edigar de Alencar foi muito vasta em tamanho e abrangente em seus temas. Aqui, abordaremos somente aquelas que têm como objeto a música e a cultura popular, dividindo-as em algumas categorias: documentais ou históricas; biográficas; crônicas e jornalismo; e produção dispersa. Estas categorias não são fechadas, as obras freqüentemente pertencendo a mais de uma delas de cada vez. Em linhas gerais, *O Carnaval Carioca Através da Música* é obra documental ou histórica; são biografias *Nosso Sinhô do Samba* e *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*; *Este Rio Querido* e *Claridade e Sombra na Música do Povo* pertencem à categoria de crônicas e jornalismo. A produção dispersa engloba tudo o que Edigar escreveu, mas não publicou como livro, suas outras crônicas, participações em revistas, etc. e que aqui será tratada rapidamente.

### 1.1. Documental ou histórica

---

<sup>19</sup> Sânzio de Azevedo. “Edigar de Alencar e a literatura cearense”. In: *Novos Ensaio de Literatura Cearense*. Fortaleza, UFC/ Casa de José de Alencar, 1992. p.66. Ver anexo.

<sup>20</sup> Edigar de Alencar. “Papagaio – pipa – arraia”. In: *Revista Brasileira de Folclore*, Brasília, v. 11, n. 29, jan/abr., 1971, p. 5 -23.

<sup>21</sup> Idem. “Uma cantiga que se fez cateretê carnavalesco” – nº 152, 1984 e “Tempo de caju no Nordeste” – nº 202, 1989.

*O Carnaval Carioca Através da Música* é a maior e mais importante obra de Edigar de Alencar, fruto de ampla e cuidadosa pesquisa sobre a festa, vista a partir de um de seus principais aspectos, a canção.

Lançado pela primeira vez em 1965, como parte das comemorações do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, *O Carnaval...* teve cinco edições. A primeira e a segunda, de 1965 e 1966, incluíam a história dos carnavais até o ano anterior à sua publicação. A terceira edição (1979) foi atualizada até 1977 e ganhou dois capítulos (*O Zé-Pereira* e *Quadrilha – Polca – Maxixe*). A quarta edição (1980) não sofreu alterações, enquanto a quinta foi estendida até 1984 e acrescida de uma nova discografia<sup>22</sup>.

Os oito primeiros capítulos da obra são introdutórios. Edigar expõe o objetivo da obra:

(...) este livro quer ser um registro tanto quanto possível amável e sempre exato. Não é um libelo nem muito menos uma crítica, mas simples e despretensioso documentário.<sup>23</sup>

suas fontes e métodos:

Procurei fazer trabalho útil e honesto. Revirei arquivos, consultei dezenas de pessoas, folheei coleções de jornais, sempre objetivando fixar datas – tarefa das mais duras – a fim de que pelo menos cronologicamente o carnaval carioca aparecesse reconstituído sob o ângulo da música com a maior exatidão.<sup>24</sup>

apresenta ao leitor menos entendido de música os diferentes gêneros da canção carnavalesca, contextualiza as origens da festa, suas influências estrangeiras, as primeiras manifestações, as tradições perdidas.

Ao justificar o enfoque exclusivo da obra sobre a produção musical carnavalesca, afirma que “somente a canção continua a ser índice expressivo da sua animação e alegria”<sup>25</sup> e, sempre opinativo, condena a crescente comercialização da música e o seu distanciamento do povo.

Após essas primeiras explicações, Edigar inicia uma história cronológica, ano-a-ano, do carnaval carioca a partir de 1901, expondo os principais nomes da festa, as canções mais populares, as mais bem-sucedidas, as mais belas (na sua modesta opinião) e até mesmo as mais infelizes (idem).

---

<sup>22</sup> Usaremos aqui a 5ª edição como referência.

<sup>23</sup> Edigar de Alencar. *O Carnaval Carioca Através da Música*. p. 25.

<sup>24</sup> Op. Cit. p. 23.

<sup>25</sup> Op. Cit. p. 29-30.

Desta obra é possível depreender que a característica mais crucial, definitiva, inalienável do carnaval é o seu aspecto popular. O carnaval é a festa das massas, do povo, feito por ele e para ele, que deve, portanto, ter o direito de escolher quais canções quer cantar a plenos pulmões nos bailes. E as canções devem tratar de temas com os quais o povo se entenda, se relacione. Surge aí também uma crítica à intelectualização dos sambas-enredo e das cantigas, que não pressupõe uma despolitização da música. Pelo contrário, quanto mais ligada ao cotidiano carioca e brasileiro, quanto mais a canção servir de registro do momento em que é escrita, como uma crônica jornalística, melhor ela é. Muitas das letras que Edigar transcreve no livro não pertencem aos maiores sucessos do ano, mas sim àquelas cantigas que ele julga captarem melhor a sua realidade.

A partir do capítulo dedicado ao carnaval de 1947, Edigar aponta uma queda na qualidade das canções, que é seguida do aumento do controle das associações coletoras de direitos autorais e dos órgãos de divulgação em detrimento da liberdade do povo de escolher quais serão os seus temas e suas músicas favoritas. Aos poucos o carnaval vai deixando de ser do povo, pelo menos no que toca à sua trilha sonora. Vai tendo seus espaços definidos, delimitados e a penetração das novas canções também diminui. Por isso nos capítulos que tratam dos anos de 1964 em diante, Edigar passa a usar verbos no tempo futuro, dando sugestões e esperando que a festa possa mudar e voltar a pertencer essencialmente ao povo, seu legítimo dono.

Aliás, o fato de a obra se aproximar tanto do “presente” do autor é representativa do quanto este não é somente um livro de “História” propriamente dita, contemplada, ponderada, que pretende analisar o passado, mas que é sim um *documentário* – uma coleção de fatos compilados e organizados de maneira a propiciar fontes e facilitar o trabalho de um pesquisador posterior que deseje escrever a história da música brasileira, ou da cultura, do comportamento, das festas ou até mesmo uma história do carnaval feita sob diversos ângulos, a qual aborde os seus diferentes aspectos um a um, como Edigar sugere que ela deveria ser feita<sup>26</sup>.

Todo este esforço compilador e organizador vai permitir que Edigar enxergue sistemas, temáticas, fios que ameaham aspectos do carnaval que darão origem a outras obras suas e que serão utilizadas no próprio *Carnaval Carioca Através da Música*. Um exemplo disso é a indicação de ciclos temáticos nas canções:

---

<sup>26</sup> Op. Cit. p. 22.

A temática do carnaval, embora pudesse ser de uma amplitude enorme, sempre foi limitada. Há muito espírito de imitação e grande número de compositores se compraz em navegar nas águas dos sucessos de outros anos. Daí a repetição dos motivos, dos ciclos das morenas, das louras, das mulatas, dos bichos, das nacionalidades, etc.<sup>27</sup>

Outra obra cuja inspiração vem do “*Carnaval Carioca...*” é *Nosso Sinhô do Samba*. Passemos então a ele e à próxima categoria.

## 1.2. Biografias

Muito do que se refere à criação musical de José Barbosa da Silva, o Sinhô, em sua biografia já está dito nos primeiros capítulos d’*O Carnaval Carioca Através da Música*. Sinhô foi sambista e compositor proeminente, do final da década de 1910 até 1930, quando morre. Esteve presente no nascimento do samba, foi autor de grandes sucessos nos carnavais e fora deles e depois foi esquecido pela memória coletiva dos brasileiros.

Ao empreender suas pesquisas e observar o valor da obra de Sinhô é possível que Edigar tenha se compadecido do sambista que, apesar de ter sido tão grande, hoje não tem nem túmulo. A biografia vem então com a função de resgatar Sinhô, sua obra e sua vida, devolver-lhe a majestade que um dia lhe foi consagrada pelo povo.

Para tanto, Edigar vai se valer de várias ferramentas que possam conferir à obra o máximo de valor “histórico”, “científico” e “verdadeiro”, a começar pela palavra de outros intelectuais e entendidos brasileiros que corroborem a importância da biografia e do biografado. Na segunda edição do livro, de 1981<sup>28</sup>, há um trecho de uma carta do folclorista Luís da Câmara Cascudo ao autor, discorrendo sobre a beleza e a validade da obra; uma apresentação feita por José Cândido de Carvalho, então presidente da FUNARTE, que justifica a reedição do livro; e um prefácio de autoria de Sérgio Porto, jornalista, que atesta tanto a idoneidade de Edigar quanto a importância da obra de Sinhô.

O autor inicia então o livro com um curto parágrafo introdutório em que justifica a obra, fundamenta suas fontes e documentação, estabelece seus objetivos e assume um compromisso com o leitor de pintar um retrato fiel do biografado:

Este livro não é polêmico nem pretende monopolizar a verdade. Mas nega uma porção de histórias e afirmações sem qualquer consistência que têm surgido em torno de

---

<sup>27</sup> Op. Cit. p. 248.

<sup>28</sup> Edigar de Alencar. *Nosso Sinhô do Samba*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981. Todas as referências serão feitas a esta edição.

Sinhô. Baseado em documentos, jornais e testemunhos pessoais, absolutamente idôneos; para esclarecer dúvidas, desfazer anedotas e fantasias e nos ater à realidade ouvimos vários contemporâneos, amigos e parentes do biografado<sup>29</sup>.

De acordo com François Dosse<sup>30</sup>, o que se vê aí é o “lado historiador” deste biógrafo, o que também transparece no emprego de muitas notas, a indicação das fontes utilizadas e dos arquivos consultados (especialmente o de Almirante). O que lhe falta para uma biografia mais próxima da História é a fixação do “eu” que escreve a narrativa, que justifique a escolha do biografado nos termos dos laços que o unem ao biógrafo. Essa ausência, porém, não modifica os objetivos da obra, ou tira mérito da tarefa empreendida, afinal ela não pretende ser história, senão biografia.

Outro detalhe que se coaduna com os objetivos “educativos” são as citações freqüentes e até mesmo repetitivas de trechos de canções de Sinhô, escolhidos com o propósito de apresentar o conjunto da obra do compositor ao leitor leigo. Mais um testemunho da dedicação de Edigar à memória do sambista está num dos textos compilados em *Este Rio Querido*<sup>31</sup>, em que o autor relata que escrevera uma carta ao então governador do Rio de Janeiro Negrão de Lima pedindo que se fizesse uma homenagem ao compositor no 40º aniversário de sua morte. O resultado desta campanha é o busto de Sinhô que se encontra até hoje no Campo de Santana, junto com aquele de Vicente Celestino.

Muito diferente da biografia de Sinhô é *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*. Neste livro Edigar procura somente alinhar histórias da vida do músico, sem uma agenda ou missão que se compare àquela de *Nosso Sinhô do Samba*. Isto se explica pela fama que Pixinguinha arrecadou durante toda a sua vida. Foi famoso nacional e internacionalmente, querido por todos, homenageado efusivamente, admirado em todas as camadas sociais. Contar a história de sua vida não precisa ser mais que singela homenagem, não é necessário educar, apresentar, justificar. Pixinguinha se basta.

Ambas as obras, porém, compartilham de organização interna semelhante. As histórias são contadas em ordem cronológica, mas seguem uma orientação temática maior. Assim, *Nosso Sinhô do Samba* é dividido em quinze capítulos, alguns dos quais têm por tema as disputas do sambista com outros músicos, o sucesso, os temas mais comuns de suas canções, sua infância e juventude, entre outros. Já *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha* é dividido em três partes – “O Menino”, “O Músico”, “A

---

<sup>29</sup> Op. Cit. p. 13.

<sup>30</sup> François Dosse. *La Apuesta Biográfica: Escribir una vida*. Valência: Universitat de València, 2007.

<sup>31</sup> Edigar de Alencar. “Carta ao governador”, In: *Este Rio Querido*. p. 66.



Criatura” – que têm por assunto central a infância e juventude, vida adulta e o caráter do compositor, respectivamente.

Comparando-se as duas obras, “*Sinhô*” tem uma qualidade muito mais defensiva, mesmo porque o próprio biografado tinha um jeito briguento, tendo conseguido criar desavenças até com Pixinguinha, que é retratado em sua biografia como homem doce e pacífico, pouco afeito a desentendimentos.

Os anexos das duas obras também são prova dos objetivos diferentes que as propelem. O “Documentário” que acompanha a biografia de Sinhô inclui comentários do autor sobre os temas das canções, comentários de outros artistas e intelectuais sobre a obra do sambista, notas de falecimento publicadas quando da sua morte, uma “Musicografia” (levantamento de toda a produção musical de Sinhô), assim como uma discografia, composta por todas as gravações em 78 rotações, levantada por Jairo Severiano, fontes bibliográficas e uma lista de revistas que contaram com canções de Sinhô ou que foram de uma forma ou de outra inspiradas por elas.

Por sua vez, a “Informação” incluída ao final da biografia de Pixinguinha é constituída das letras de três de suas canções (Carinhoso, Gavião Calçudo e Rosa), uma síntese biográfica, uma discografia básica, uma lista de edições musicais e outra de canções inéditas, retirada do acervo do filho do biografado.

Edigar também homenageou Pixinguinha com uma versão em cordel de sua biografia, que nada mais é que o texto de *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha* recontado em sextilhas.

### **1.3. Crônicas e jornalismo**

*Este Rio Querido* e *Claridade e Sombra na Música do Povo* são coletâneas de textos que Edigar publicou no jornal *O Dia*, para o qual contribuiu desde o seu primeiro número em 1951. Sua coluna “Rodapé” começou a ser publicada em 1956 e em 1979 chegou a 1000 edições. Analisaremos aqui somente as crônicas e ensaios selecionados para estes livros, uma vez que possuem uma coesão interna.

A primeira coletânea, de 1982, tem como tema a cidade adotiva de Edigar e que o adotou em 1974, ao conceder-lhe o título de cidadão emérito. Apesar de nem todos os textos terem a data da publicação original, pode-se dizer que abarcam o período entre 1956 e 1981. Diz o autor tê-las escolhido por “fixarem flagrantes cariocas”<sup>32</sup> e por mais

---

<sup>32</sup> Edigar de Alencar. *Este Rio Querido*. p. 8.

que algumas estivessem já datadas e ultrapassadas, não lhes alterou o conteúdo: “Embora uma que outra tenha perdido a atualidade, nem por isso lhes falta o tom documental, talvez a principal senão única virtude do gênero”<sup>33</sup>. Voltaremos a isso mais a diante.

Os textos são declarações de amor à cidade, ao Flamengo, críticas ao comportamento dos cariocas que emporcalham a cidade com seus cachorros, registros de problemas que a cidade enfrenta, episódios curiosos como o projeto de um deputado para mudar o hino do Rio de Janeiro, que era a marchinha “Cidade Maravilhosa”, sob a alegação de que esta não inspirava o devido respeito e civismo requeridos por um hino oficial<sup>34</sup>.

Organizadas cronologicamente dentro do livro, as crônicas vão servindo de retratos do Rio de Janeiro nos seus detalhes, mostrando a progressão das mudanças nos comportamentos, no vestuário, na qualidade de vida e dos serviços ao longo de um quarto de século. A transferência da capital nacional para Brasília, por exemplo, é tratada mais de uma vez, sob o ponto de vista dos funcionários federais que seriam deslocados, das instituições que vão embora e das que são deixadas para trás.

Em muitas das crônicas recolhidas em *Este Rio Querido*, Edigar cita músicas que registram os momentos de que ele fala e na não-existência delas, pede que alguém tenha a agudeza de escrevê-las. Retornamos desta maneira a uma característica d’*O Carnaval Carioca...* do amor pela crônica, pelos instantâneos da vida cotidiana registrados em verso e canção.

A própria escolha dos textos a serem compilados é mais uma evidência desta característica de Edigar. Este livro também pretende ser um “documentário”, por reunir momentos da cidade durante duas décadas e meia. Sempre consciente de que todo presente vira passado, Edigar quer ser aquele que registra os instantes como um produtor de documentos e fontes que um dia um historiador estudará, para fazer uma história do Rio de Janeiro, da música ou do comportamento.

Da mesma maneira, *Claridade e Sombra...* é quase uma mini-enciclopédia, terrivelmente reduzida, um livro de referência dos grandes nomes da música (verdadeiramente) brasileira, seus principais autores, intérpretes, temas, as mais famosas canções, seus divulgadores. Reúne: um estudo sobre os “Zé-Pereiras”, comentários sobre Catulo da Paixão Cearense, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Chico

---

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>34</sup> Idem. “O Hino Carioca”. p. 50

Buarque, um artigo sobre o Museu Fonográfico do Ceará, uma comemoração do aniversário de cinquenta anos de “Teu Cabelo Não Nega” e mais algumas sistematizações advindas da pesquisa feita para o *Carnaval Carioca*, como “Heróis e heroínas da cantiga carnavalesca”, em que faz um levantamento das mulheres mais cantadas nas letras dos sambas e marchinhas de carnaval.

## Fontes

- ALENCAR, Edigar de. *Carnaúba*. Rio de Janeiro: Of. Graf. Almanach Laemmert, 1932.
- \_\_\_\_\_, *Mocororó*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.
- \_\_\_\_\_, *Galé Fugido*. Informações sobre a edição não encontradas, 1957.
- \_\_\_\_\_, *O Suave e Ameno Historiador*. Curitiba: Edição Prata de Casa, 1957.
- \_\_\_\_\_, *O Carnaval Carioca Através da Música*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1985. 5ª Ed.
- \_\_\_\_\_, *A Modinha Cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.
- \_\_\_\_\_, *Nosso Sinhô do Samba*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
- \_\_\_\_\_, *Flamengo: Força e Alegria do Povo*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1970.
- \_\_\_\_\_, *Poesia Quase Perdida*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.
- \_\_\_\_\_, *O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/ INL/MEC, 1979.
- \_\_\_\_\_, *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará/ Prefeitura do Município de Fortaleza. 1980.
- \_\_\_\_\_, *Vida e Morte do Grande Músico Negro Pixinguinha*. Juazeiro do Norte: Mascote, 1982.
- \_\_\_\_\_, *Este Rio Querido*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/ INL/MEC, 1982.
- \_\_\_\_\_, *Variações em Tom Menor*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1984.
- \_\_\_\_\_, *Clareza e Sombra na Música do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/INL, 1984.

## Referências bibliográficas

- ALENCAR, Vicente. “O Centenário de Edigar”, *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 06 de maio, 2002. Disponível em:  
<http://diariodonordeste.globo.com/2002/05/06/060023.htm>. Acesso em: 11/05/2009.
- AZEVEDO, Sânzio. “Edigar de Alencar e a literatura cearense”. In: *Novos Ensaio de Literatura Cearense*. Fortaleza, UFC/ Casa de José de Alencar, 1992. p.66.
- COUTINHO, Afrânio. *Brasil e Brasileiros de Hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961. v.1 p. 23
- DOSSE, François. *La Apuesta Biográfica: Escribir una vida*. Valência: Universitat de Valência, 2007.
- GASPAR, Lúcia. “Índice da série Folclore – Números 1 a 329 (1976 – jan.2007)”
- MACIEL, Nilto. “Panorama do conto cearense”. In: *vastoabismo*. Disponível em:  
<http://www.vastoabismo.xpg.com.br/8.html>. Acesso em 11/05/2009.
- MARCONDES, Marco Antonio (org.). *Enciclopédia da Música Brasileira – Popular, Erudita e Folclórica*. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 12;
- RIOS, Dellano. “O futuro é contagioso”. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2 de abril, 2009. Disponível em:  
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?Codigo=627220>. Acesso em: 11/05/2009.
- STUDART, Barão de. *Catálogo de jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará – Extraído da Revista do Instituto do Ceará*. Tipografia Minerva – Assis Bezerra: Fortaleza, 1904. p.12

## **Anexos**

### Maracujá no Pé (Silva Novo, Edigar de Alencar)

Maracujá no pé  
tem cheiro de alecrim  
teus olhos me dão fé  
meu bem, pois sim

Meu bem venha comigo  
colher maracujá  
não há nenhum perigo, olá

Desfrutando (?) a vida inteira  
a vida inteira a viver  
numa esperança fagueira  
de um dia mais viver (?)

Maracujá no pé... (bis)

<http://www.ipu-ce.com/gerenciador.php?idcategoria=11&idsubcategoria=279&titulo=>